

## Jôgo Por Jôgo

RIO, 19.

A ELEIÇÃO do chefe do Governo é sempre um fenômeno crítico no sistema presidencial: simples, embora prolongada crise nos Estados Unidos, crise grave, que põe em perigo as próprias instituições, nos demais países da América.

Agora mesmo, a mais de dois anos do termo do mandato presidencial, estamos nós confirmando, nas piores condições possíveis, a velha experiência, «As ambições desencadeadas na disputa de governos estaduais — diz o «Diário Carioca» — a preparação das bases para a escolha do sucessor do sr. Getúlio Vargas, a renovação da Câmara e de dois terços do Senado, as eleições municipais — tudo isso se projeta para o próximo ano sob uma perspectiva de crise, pois se sabe que de tudo tentará se aproveitar o Ditador metido em camisa de força que é o homem que nos governa».

Ora, se esta é a realidade de todos conhecida, e reconhecida até pelos apologistas do regime atual, evidente parece que nos ferraríamos a tão graves crises, substituindo o sistema que as gera, isto é, suprimindo a eleição popular do chefe do Governo, abolindo a ditadura legal, e transferindo a efetividade do Poder Executivo a um corpo coletivo — o Gabinete — plenamente responsável perante a representação popular. Removida a causa das perturbações — a conquista do poder pessoal nas três esferas do governo — evitada estaria a crise temerosa: passariam a processar-se as eleições unicamente, como é normal no sistema parlamentar, em torno de idéias, de princípios, de programas, de partidos.

Quanto ao sr. Getúlio Vargas, em tudo onipresente porque assim o permite o regime atual, mudadas as regras do jôgo, perderia êle naturalmente todo interesse no jôgo. Continuar na Presidência, ou pôr alguém na presidência, somente para presidir, em vez de governar quase discricionariamente? E' provável que êle deixasse partida tão pouco atraente. Outra seria, por certo, a situação política do País, se, em junho dêste ano, a reforma parlamentarista houvesse alcançado, na Câmara, maioria absoluta e não maioria relativa. Em vez do perigo de

dencialista, estar-nos-lamos preparando para exercitar o pacífico jôgo parlamentarista.

E' possível que o sr. Getúlio Vargas não concordasse com o novo jôgo e procurasse perturbá-lo. Mas, então, nada se alteraria substancialmente na situação, pois o grande argumento de ocasião contra a reforma é constituir o atual presidente da República um grave perigo para o próprio jôgo presidencialista, a que estamos atualmente obrigados. E jôgo por jôgo, menos tentador e mais seguro seria o que menos estimulasse a «vã cobiça de mandar»...